



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MÚSICA E MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Aja Devi Dasi Soares Abreu de Góes; Flávia Maiara Lima Fagundes; Valéria Maria Soares
Silva de Góes.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, aja.devidasi@gmail.com.

Resumo: Este artigo busca refletir sobre fundamentos teóricos e práticos que embasam a prática docente do futuro educador na Educação Musical infantil, na perspectiva da inclusão de alunos com síndrome de Down. O objetivo deste relato foi destacar as contribuições advindas da psicomotricidade aliadas ao ensino da música na Educação Básica no processo de desenvolvimento da criança com Down, auxiliando também na aceitação e inclusão por parte das demais crianças da turma. Utilizamos como metodologia a pesquisa qualitativa, por meio de um relato de experiência fundamentado, por ser a que mais se aproxima dos nossos objetivos. Discutimos a importância de conhecer os alunos e o ambiente de atuação, de refletir e buscar compreender diferentes formas de contribuir com a aprendizagem musical de crianças com síndrome de Down, em conjunto com crianças neurotípicas e desenvolvendo a psicomotricidade em ambas, bem como entender a síndrome e a sua abrangência física e cognitiva. Deste modo, o trabalho visa também avaliar a prática docente do bolsista licenciando em música voluntariado e refletir sobre suas buscas por melhorias e diferentes formas de atuação, afim de contribuir para a formação como futuro profissional da Educação Musical.
Palavras chaves: Educação Musical, Educação Infantil, Inclusão, Síndrome de Down, Psicomotricidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de elencar a importância da Educação Musical na Infância e sua contribuição para o desenvolvimento da Psicomotricidade em uma criança com síndrome de Down na escola de educação básica.

Como bem sabemos que “a Síndrome de Down é um acidente genético que ocorre no par do cromossomo 21, com a presença de um cromossomo extra. Por isso essa síndrome é chamada de trissomia 21” (CASTRO, 2009, p. 304). A presença desse cromossomo altera o desenvolvimento intelectual com um retardo leve ou moderado, devido a alterações no funcionamento do cérebro. Castro (2009, p. 305) ainda nos mostra que para o desenvolvimento eficaz e proveitoso da pessoa com Down se faz necessário que a escola tenha em seus planos de aula diários atividades que exijam da criança trabalhos de cooperação, organização, constituição, movimentos, compreensão, propostas lúdicas e que possibilitem a criança realizar atividades motoras como



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pular, correr, rolar. Essas atividades são de grande importância para o desenvolvimento social, afetivo, motor e da linguagem da criança, não só com Down, mas também das neurotípicas.

“A expressão da psicomotricidade começa, então, a ter mais sentido e significado, e é aqui que se dá uma das passagens mais relevantes do biológico ao psicológico e, deste, ao social” (FONSECA, 2008, p.27). A partir disso e percebendo a relevância das funções motoras, do tônus, lateralidade, dentre tantos outros aspectos da psicomotricidade é de grande auxílio uni-la ao ensino da música tendo-a como elemento integrante da área da educação infantil, uma vez que a expressão artística torna-se um relevante meio de desenvolvimento e comunicação infantil.

Além do entrelaçamento com a psicomotricidade, o ensino da música contribui de forma significativa para a formação do ser humano, tendo em vista a importância do ser em expressar-se. “Assim, se proporcionarmos desde cedo interações entre a criança e a música, estaremos contribuindo para que ela construa precocemente seu pensamento em relação aos elementos que compõem a linguagem musical” (KEBACH, 2013, p. 13).

Além de estimular a expressividade, o ensino da música pode desenvolver inúmeras outras capacidades, as quais são fundamentais para o nosso cotidiano, e que muitas vezes deixam de ser estimuladas de outras formas. Desse modo, Patrícia Kebach explicita:

“Progressivamente a criança integra a música às demais brincadeiras e jogos, conferindo significados simbólicos aos objetos sonoros ou instrumentos musicais e à suas ações musicais, diferenciando objetos de seus representantes, libertando o pensamento do controle exclusivo da percepção. Na construção da inteligência, novos esquemas adquiridos vão sendo integrados às estruturas já existentes, exigindo uma reorganização do que já estava constituído num patamar superior, o que permite à criança maior ação sobre o meio” (KEBACH, 2013, p.15).

Observando essas e outras questões entendemos que “a música e a psicomotricidade tem muito em comum: precisamos do arsenal psicomotor para aprender música e a música é uma das mais eficientes ferramentas para o nosso desenvolvimento psicomotor” (LOURO, 2012, p. 107). Concordando com tais pensamentos e pesquisas, o presente estudo visa entrelaçar a psicomotricidade e a música, duas relevantes áreas de conhecimento da aprendizagem na infância, para a estimulação e melhoria do desenvolvimento da criança com Down na educação infantil.

A experiência aconteceu no Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – NEI-Cap/UFRN. O NEI é uma escola vinculada à UFRN que atende crianças da Educação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental I (Ciclo de Alfabetização). O seu corpo docente é composto por coordenadores, professores capacitados, especialistas, mestres e doutores, além dos alunos dos mais diversos cursos de graduação da universidade que atuam como estagiários, bolsistas e voluntários.

O NEI possui em seu quadro de alunado crianças neurotípicas e alunos com Necessidades Educacionais Especiais- NEE, no contexto escolar que inicia no Berçário e segue até os anos iniciais do Ensino Fundamental I. Em suas salas de aula, a escola mantém pelo ao menos uma criança com NEE a cada turma, em uma constante busca de integração e inclusão consciente, efetiva e ativa em todas as atividades realizadas nas rotinas diárias.

[...] A formação, aprendizado e o desenvolvimento da criança no contexto escolar e social vinculam-se ao papel político e pedagógico assumido pela instituição como mediadora-dinamizadora das relações entre as experiências e conhecimentos da criança e os conhecimentos acumulados socialmente pela humanidade; e da participação e apoio da família na gestão política e pedagógica da escola (SILVA, 2014).

A rotina da turma é sempre realizada por etapas: A roda inicial; O primeiro momento de trabalho; A arrumação; O lanche; O parque; A história; O segundo momento de trabalho; A aula de Música/Dança/Inglês/Educação Física (que variam de ambiente, dias e horários); A conversa final, arrumação e saída. As aulas de música são realizadas na sala de Música e Movimento.

Este ambiente foi criado especificamente para as aulas de Dança e de Música, e constitui-se um espaço limpo, sem cadeiras, com ar-condicionado e janelas com cortinas, dois armários com portas, um para cada guarda de materiais didáticos utilizados nas atividades realizadas das distintas áreas de conhecimento, além da adaptação de um espaço para projeções multimídias de audiovisual em Datashow.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Percebemos que “a Educação Infantil estabeleceu um conceito de infância e criança, apropriou-se de conhecimentos de outras áreas como a sociologia e a psicologia, e atualmente encontra-se com objetivos bem definidos e fundamentados” (Gomes, 2009, p. 20). Mostrando assim a importância da educação infantil que a muito já está consolidada em nossa educação brasileira.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Para Joly (2003, p.113), “o desenvolvimento musical está relacionado com outros processos de cognição, tais como o desenvolvimento da memória, da imaginação e da comunicação verbal e corporal”. Assim, podemos entender que tanto a educação infantil regular generalizado, como a educação musical vem ganhando espaço na educação brasileira.

O ensino da música pode torna-se um fator potencializador para o desenvolvimento da psicomotricidade infantil. Acreditando nessa perspectiva, Gainza (apud JOLY, 2003, p. 113) afirma “que a música e o som, enquanto formas de energia, estimulam o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes graus de qualidades”.

Para Piaget (apud GOMES, 2011), a fase da criança após o nascimento é caracterizada musicalmente pela exploração livre (sensório-motora) de sons vocais, com o corpo e com objetos. É, principalmente, um período de autoconhecimento e estabelecimento de modelos vocais, no qual o bebê experimenta inúmeras formas de emissão sonora. No entanto, em todas as fases do desenvolvimento da criança há a presença da música como forma de aprendizagem e expressão.

As crianças com síndrome de Down apresentam 47 cromossomos em suas células, as que não possuem a síndrome, apresentam 46 cromossomos, o que seria o comum de acordo com Gonzales (2007, p. 87). Além disso, o pesquisador também afirma que as crianças que possuem a síndrome não são muito numerosas, tendo uma frequência de 1 para 800 crianças nascidas vivas, contudo, quanto mais velha for a mãe maior será a probabilidade de uma criança nascer com a síndrome.

As características da criança com Down mesmo apresentando alterações fenotípicas semelhantes diferem entre si nos aspectos gerais do desenvolvimento como na linguagem, na motricidade e mesmo na socialização. Segundo Gonzales:

A integração da criança Down na escola infantil em idades precoces oferece às crianças a possibilidade de um ambiente normalizado desde as primeiras etapas de sua vida, no qual é uma criança a mais, que está em contato com outras crianças. Aqui as interações sociais entre as próprias crianças e os adultos são ricas e variadas; em grupo as crianças aprendem melhor entre elas, participam de propostas educacionais programadas, e, em geral, o ambiente é estimulante (GONZALES, 2007, p. 96).

Percebendo que em alguns casos, as crianças com síndrome de Down têm uma aprendizagem diferenciada, pois como suas respostas “precisam de um diagnóstico diferenciado e, melhor ainda, de uma avaliação do potencial de aprendizagem” (GONZALES, 2007, p. 99), o professor precisa de um olhar mais



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

atencioso e peculiar no que diz respeito às suas necessidades nas atividades realizadas em sala para poder atuar de forma eficaz na formação educacional da criança.

O ensino da música é um meio que pode fomentar o desenvolvimento de atividades psicomotoras de uma criança, e esse fator pode se tornar um bom motivo para incentivar a busca por um maior aprofundamento nesta área tão abrangente de conhecimento. Portanto, ao se tratar de crianças com Down, se faz necessário que aconteça adaptações curriculares, “[...] considerando que as aprendizagens devem ter um sentido para a criança, ser interessante e motivadora” (GONZALES, 2007, p. 96). O pesquisador ainda afirma que devemos fortalecer as características mais favoráveis da criança e trabalhar o lado visual, de manipulação, em situações funcionais, ou seja, semelhantes as do dia a dia, pois isso irá facilitar sua aprendizagem.

Assim, acreditamos na seriedade - mesmo que aconteça de forma brincante-, e no quanto torna-se significativo o ensino da música e seu entrelaçamento com a psicomotricidade, para o desenvolvimento da criança com síndrome de Down no contexto da educação básica. Trabalhar a música em sala de aula da escola regular implica na busca por efetivar cada vez mais a Educação Musical neste contexto, e que esta possa ser desenvolvida numa perspectiva especial e inclusiva diante das inúmeras possibilidades educacionais que contemplem a heterogeneidade e a diversidade dos perfis dos educandos.

METODOLOGIA

O artigo trata-se de um relato de experiência e aconteceu na Turma 01 da educação infantil do NEI-CAP/UFRN. As crianças da Turma 01 eram de faixa etária entre 02 e 03 anos de idade. Primeiramente a estagiária docente em música se inseriu no contexto escolar na Turma 03, também da educação infantil da escola, por intermédio da disciplina de Estágio Supervisionado, disciplina obrigatória na grade curricular da Licenciatura de Música na UFRN, e logo após passou a atuar como voluntária na Turma 01.

O período deste estudo aconteceu entre o mês de abril, ao final do mês de junho, e os encontros/aulas aconteciam uma vez por semana, com duração de 30 minutos cada, dentro das aulas de músicas realizadas na sala de Música e Movimento. As aulas de música estavam sob o direcionamento da professora Flávia Fagundes¹. A turma tinha 23 crianças, e uma destas com Síndrome de Down, aqui mencionada com o pseudônimo de Clara, por questões éticas.

¹ Flávia Maiara Lima Fagundes (Licenciada em Música pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, mestre em Educação Musical pela UFRN, atuou como professora substituta de música do NEI/CAP-UFRN entre (83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Objetivamos realizar trabalhos de sensibilização musical em conjunto com o desenvolvimento das diversas áreas cognitivas e motoras, contribuindo significativamente para o amadurecimento psicomotor da criança, em especial a criança com Down.

Ao lidarmos com a aprendizagem com as crianças menores, percebemos que “a criança só conhece os objetos a partir do momento em que age sobre eles corporalmente, tátil e cinestésicamente” (FONSECA, 2008, p.31). Dessa forma para cada música trabalhada em sala procurávamos ter em mãos um recurso didático de acordo com o tema proposto. Por exemplo, ao estudar determinados animais, levávamos uma pelúcia para que assim pudessemos representar visualmente o tema pesquisado, além de provocar o estímulo tátil e lúdico, realizando também atividades de contação de histórias e que utilizassem recursos audiovisuais em sala. A exemplo disso utilizamos a baleia, o peixe, o caranguejo e tubarão, e todos esses bichinhos eram passados de mão em mão para que todas as crianças tivessem contato físico com os animais representados pelo recurso, e assim pudessem explorá-los. Isso trabalhou além do desenvolvimento motor, aspectos como a cooperação, colaboração, coletividade e compartilhamento dos objetos com as outras crianças e com as professoras de sala que também estavam presentes nas nossas aulas música.

O procedimento metodológico adotado pelo NEI-Cap/UFRN é o Tema de Pesquisa, que busca articular três dimensões básicas nos processos de ensinar e aprender: o contexto sociocultural das crianças; o conhecimento das áreas de conteúdo; e os aspectos vinculados diretamente à aprendizagem – conhecimentos, normas, valores e habilidades da cultura e da sociedade (VICTOR, 2012). Articulando com os saberes musicais, o Tema de Pesquisa também trazido para as aulas de música da educação infantil, por intermédio dos professores, dos pais e de toda equipe pedagógica do NEI.

Nas aulas, as músicas eram trabalhadas dentro da temática, que especificamente no período deste estudo o tema de pesquisa escolhido foi o mar, em que intitulamos a sequência didática e o projeto de pesquisa realizado por: Amar o Mar. Mesmo que fossemos trabalhar o canto com canções relacionadas ao tema, antes mesmo de aprendermos as melodias, e/ou as letras das músicas, realizávamos contação de histórias e outras atividades lúdicas, com apreciação audiovisual, e com a realização de uma roda de conversas sobre informações que as crianças já soubessem, novidades e algumas curiosidades relacionadas ao tema. E só então introduzíamos a letra da música, em conjunto ou não com a melodia e com o ritmo. Buscávamos também realizar atividades com movimentos corporais que pudessem estar

2014 e 2015, supervisora do estágio supervisionado em pesquisa e coautora deste trabalho).

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

diretamente relacionados a letra da música, aos animais, aos elementos do mar e aos conteúdos musicais como com o ritmo das músicas. Como por exemplo, realizamos atividades com a música “De Gotinha em Gotinha” de Palavra Cantada, em que trabalhamos com instrumentos musicais chamados clavas, ou claves, em que estimulávamos a ação e a criação, e o movimento de levantar os instrumentos para alto em determinados momentos que representassem a pausa, ou o momento do silêncio.

Outras músicas trabalhadas que podemos citar como exemplo foram: “Adivinhe!” de Lourdinha Lima; “Peixe Vivo” do folclore brasileiro e a música; “A Baleia”, de Zé Rocha, dentre outras. Dentre elas, nas duas primeiras fizemos uso de instrumentos musicais, respectivamente as clavas e os guizos, já em, “Peixe Vivo” trabalhamos pulsação com o corpo e em “A Baleia” fizemos movimentos que lembrassem a baleia subindo até a superfície do mar para respirar como fazia referência a letra da música, entrelaçando assim os elementos musicais presentes em todos os momentos: ritmo, melodia, timbre, intensidade, altura, duração.

Tais conteúdos musicais estavam presentes nas movimentações: ao trabalhar a melodia, representar o som agudo ao fazer um movimento em plano alto e o som grave em plano baixo; ao trabalhar o ritmo, na pulsação das canções com e sem a utilização de instrumentos musicais, ou com movimentos e sons do próprio corpo; ao trabalhar o timbre, no momento de reconhecer os instrumentos através do específico som produzido por eles, ou sons do ambiente e sons relacionados ao mar; ao trabalhar a intensidade, cantando as canções de uma forma mais forte e mais fraca, e quando lançávamos a sugestão de “agora vamos cantar sussurrando... agora vamos cantar bem forte...”, dentre muitas outras perspectivas lúdicas, divertidas e empolgantes do fazer musical.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A criança observada neste relato, aqui denominada com o pseudônimo de Clara da Turma 01 tem síndrome de Down, contudo desde o princípio do meu estágio nas aulas de música percebi que ela participava efetivamente das aulas, mostrava-se bastante alegre e empolgada ao participar das atividades realizadas em sala, procurando sempre seguir a orientação e os comandos das professoras de música.

Clara ainda não andava, mas engatinhava e tentava cantar. A criança tinha dois anos de idade e na aula de música manuseava com precisão e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

empolgação os instrumentos musicais e os objetos utilizados, seguindo a orientação e os comandos das professoras. Quando sugeríamos que as crianças levantassem as clavas para o alto, ou as levassem para baixo, e/ou para esconder atrás do corpo, realizando movimentos que pudessem representar elementos da música como o som e o silêncio, por exemplo, Clara executava todos os movimentos com alegria e entusiasmo, mostrando-se compreender o objetivo da atividade.

Assim, durante os meses de abril a junho de 2015, a estagiária pôde acompanhar como voluntária, observando e auxiliando na regência das aulas de música dessa turma. Os planejamentos eram realizados semanalmente para cada uma das aulas realizadas como estágio, e assim a estagiária pôde intervir e atuar diretamente no direcionamento das atividades musicais, contribuindo com ideias, sugestões e avaliações reflexivas. Todos os planejamentos foram elaborados dentro de uma perspectiva inclusiva, visando a efetiva participação de todas as crianças mesmo diante a heterogeneidade e suas limitações.

Na Turma 01, a maioria das crianças estavam em seu primeiro ano em uma escola regular, e outras vieram da turma do berçário, turma anterior a Turma 01 do próprio NEI. Com isso, algumas ainda estavam em fase de adaptação, no entanto, percebemos que a Clara estava bem envolvida nas atividades realizadas nas turmas e mostrando envolvimento e evolução ao ser acompanhada no decorrer das atividades, e inclusive, relacionado o seu desenvolvimento, ao desenvolvimento das demais crianças da turma.

Com as observações e avaliações reflexivas e diárias pudemos perceber o quanto Clara evoluiu com suas participações nas aulas de música, como também nas outras aulas, relatado por suas professoras de sala. No início, a criança reagia tentando fugir da roda de música engatinhando, ou ficava apenas observando, no entanto, com um incessante estímulo no decorrer das atividades, foi mostrando-se interessada e entusiasmada com a utilização dos materiais didáticos, os instrumentos musicais, as canções e as demais ações pedagógicas realizadas nas aulas, acompanhado e efetivando cada vez mais sua participação na roda de música, se movimentando, manuseando os objetos, tocando os instrumentos musicais de pequena percussão utilizados, acompanhando o pulso das canções e até mesmo tentando cantar as canções por diversos momentos.

A busca pela constante estimulação foi de extrema importância para Clara, a qual passou a se envolver ativamente em todas as atividades e a realizar todos os movimentos sugeridos pelas professoras. Percebemos também uma progressão muito expressiva durante esses meses observados para este relato, uma vez que no início ela não tinha desenvolvido a motricidade global suficiente para marcar a pulsação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

com as clavas, por exemplo, e, já no decorrer das atividades, participada ela não só marcando a pulsação das canções, como também compreendia, fazia e respeitava o momento de silêncio com as clavas no alto, que simbolizada o momento do silêncio/pausa das músicas, além do esforço para cantar alguns trechos das canções.

Esse fato também foi observado na música “Adivinhe” de Lourdinha Lima, a qual tinha um momento de “suspense” em que foi sugerido balançar as mãos na frente do corpo representando uma possível “fermata” na música e depois indagar a resposta da música. Há um questionamento nessa música que é: “Qual é o peixe do mar que não tem espinha?” e a resposta seguia afirmando ser o tubarão. Este era o momento em que as crianças respondiam questionando: “O tubarão?!”. Com essas e outras atividades Clara desenvolveu claramente a motricidade global necessária para tocar os guizos, o instrumento usado nessa canção, como também os movimentos de tensão e relaxamento, utilizando-se assim do tônus postural, de ação e o emocional, como também amadureceu sua expressão corporal, facial e de dicção.



CONCLUSÃO

Tendo em vista todo o trabalho desenvolvido ao longo desses meses, ficou evidente a necessidade dos professores possuírem e buscarem conhecimentos na tentativa de inserir as crianças com NEE em todas as atividades realizadas em sala de aula da escola regular, desde os primeiros anos escolares. A contextualização da escola caracterizando a turma e o espaço físico e pedagógico mostrou-se muito importante no momento da elaboração das propostas e dos planos de aula, pois assim, foi possível adaptar e contextualizar cada momento da aula para a situação do espaço e as condições e limitações de cada aluno.

O estágio supervisionado foi uma ferramenta útil para a inserção do licenciando em música na escola de educação básica, para programarmos os conteúdos com conhecimentos específicos, consciência, eficiência a fundamentação teórica para as práticas docentes em música, assim como para a definição das metodologias utilizadas, os materiais didáticos, as ações pedagógicas e a compreensão dos objetivos do estágio supervisionado neste contexto. A aprendizagem com o compartilhamento de saberes entre a professora supervisora e a professora bolsista voluntária foi muito rica, significativa e gratificante. Com o entrelaçamentos das ações e dos saberes, a estagiária pôde compreender aspectos do comportamento infantil e das ações pedagógicas musicais, além de vivenciar diferentes formas de comunicação e troca com as crianças, no intuito de alcançar um bom nível de desenvolvimento na aprendizagem e na cooperação com facilidade e tranquilidade. A estagiária que aqui relata, como voluntária, pôde dar e receber grandes contribuições para sua formação docente por parte da professora supervisora, da escola, além de compartilhar do incentivo à pesquisa, ao crescimento acadêmico, à extensão e ao ensino.

Estar disposta a aprender e a entender o universo da criança com Necessidade Educacional Especial é um desafio que, contudo, se torna extremamente gratificante quando não desistimos no meio do caminho. Assim, conseguiremos adquirir cada vez mais conhecimentos, experiências na prática docente reflexiva diante as dificuldades dos alunos e a heterogeneidade das turmas, paciência, motivação e perspicácia para lidar com as diferenças.

Não poderíamos deixar de mencionar os demais alunos, além da Clara, aos quais desenvolvemos afeição, dedicação, cuidado e apreço, e com isso passamos a compartilhar das suas alegrias, apreensões e conquistas diárias. Consolidamos aqui uma efetiva contribuição



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

para a formação do docente em música com a fala da estagiária: “aprendi muito mais com eles do que no sentido oposto”, e como diria nosso querido Rubem Alves (2006, p. 56) “as almas dos velhos e das crianças brincam no mesmo tempo. As crianças ainda sabem aquilo que os velhos esqueceram e têm de aprender de novo: que a vida é brinquedo, que para nada serve, a não ser para alegria!”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, Rubem. *Se eu pudesse viver minha vida novamente: Textos selecionados*. 2. ed. Campinas, SP; Verus Editora, 2006.
2. CASTRO, Asa; PIMENTEL, SC. Síndrome de down: desafios e perspectivas na inclusão escolar. In: DÍAZ, F., et al., orgs. *Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 303 – 312.
3. FONSECA, Vitor da. *Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem*. 1ª Edição. Porto Alegre: Artmed. 2008.
4. GOMES, Carolina Chaves. *Educação Musical e Educação Infantil: abordagens histórica e documental*. XIX Congresso da ANPPON, DeArtes, UFPR. Curitiba, Agosto de 2009.
5. GONZALES, Eugenio. *Necessidades educacionais específicas*. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2007.
6. JOLY, Ilza Zenker Leme. Educação e Educação Musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música. In: Hentschke, Liana; DEL BEM, Luciana. *Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula*. São Paulo: Moderna, 2003. (p. 113 – 125).
7. KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem, et al., orgs. *Expressão musical na Educação Infantil*. 1 ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2013.
8. LOURO, Viviane. *Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência*. 1ª edição. São Paulo: Editora Som, 2012.
9. SILVA, Aline Regina da. A inclusão de alunos com necessidades educacionais nas aulas de música do NEI. CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO – CINTEDI, I, 2014, Campina Grande – PB: CINTEDI, 2014.
10. VICTOR, A. C. S. Ensinando e aprendendo a ler na escola infantil: reflexões sobre o saber-fazer de uma professora. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, p. 185-198, jan./jun., 2012.